

Escarafunchando mundos e construindo espaços: uma etnografia do olhar

Carlos Gomes de Castro e Laís Jabace Maia



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1525>

DOI: 10.4000/pontourbe.1525

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Carlos Gomes de Castro e Laís Jabace Maia, « Escarafunchando mundos e construindo espaços: uma etnografia do olhar », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 dezembro 2009, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1525> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1525

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Escarafunchando mundos e construindo espaços: uma etnografia do olhar

Carlos Gomes de Castro and Laís Jabace Maia

AUTHOR'S NOTE

O presente trabalho foi apresentado no VII Graduação em Campo, evento promovido pelo Núcleo de Antropologia Urbana da USP.

Gostaríamos muito de agradecer à debatedora da mesa “Sou o que sou: corpo e identidade”, Janaína Damasceno Gomes, doutoranda na referida universidade. Seus comentários provocaram muitas reflexões e possivelmente serão retomados em trabalhos posteriores.

Introdução

- 1 Este artigo foi construído a partir de uma mistura de momentos, citações, interpretações ainda em processo de reflexão, discussões, risadas e cansaço. Queríamos colocar todas as frases que escutávamos e, assim, compor uma narrativa de vocábulos soltos, vozes soltas, tudo desconexo... Não conseguimos. O próprio texto nos deu uma rasteira e se escreveu ordenadamente, bem comportado. O campo foi sem rumo, a escritura não. Forjamos uma linearidade. As palavras que se seguem são, portanto, uma tentativa de conectar as frases vividas na experiência-correnteza do campo. “*Eu conto pra vocês minhas histórias. E vocês fazem um resumo pra colocar no trabalho... Cê compreendeu?*” Talvez tenhamos compreendido, Seu Tito.
- 2 Esta cartografia¹ conta histórias e memórias sobre o *olhar*, objeto de nossa pesquisa. Para compreender a configuração das percepções de mundo dos cegos em grandes centros urbanos e a maneira como suas interações ocorrem, fizemos uso dos seguintes métodos qualitativos: observação participante, conversas informais, trajetórias de vida e entrevistas temáticas.

- 3 Utilizamos textos que se debruçam sobre questões relacionadas ao olhar, ao espaço e ao corpo. Na primeira parte, problematizamos tais questões por meio das teorias sobre a prática discursiva, de Foucault (1987; 1993), e a identidade, de Edward Said (2007). Para uma maior aproximação do modo de vida dos cegos, entramos em contato com a literatura de Helen Keller e Evgen Bavcar. A maior fonte para nossas reflexões adveio da convivência com três colaboradores cegos, personagens principais de nossa trajetória de campo, que nos chamaram a atenção para o lugar precípua do olhar. Na segunda parte, intercalando leituras teóricas e dados etnográficos, discorremos sobre como o olhar, ao mergulhar nas contradições e lacunas do estar-no-mundo, é capaz de revelar, através de um processo ativo de interação entre objetos e sujeitos, fronteiras e descontinuidades, construindo, assim, um espaço de existência fluido e sempre novo. O olhar dos cegos ultrapassa a ótica hegemônica da percepção vidente: libertado do olho, o olhar ocupa o corpo inteiro ou, invertendo, o corpo ocupa o olhar inteiro. Seu Tito, Oscar e Dona Lúcia, personagens principais de nossa trajetória de campo, mostraram-nos como é possível apreender o mundo por vias não visuais: cheirar sonhos, ouvir prédios, tocar beleza e comer palavras é também uma maneira de criar representações mentais e de se apropriar de diversos espaços.
- 4 Os relatos aqui analisados apontam para a importância das sensibilidades individuais para a apreensão criativa dos mundos. Compreender como esses três deficientes visuais, através do olhar, percebem e dotam de significado a si mesmos, a cidade, as pessoas, as relações intersubjetivas, em suma, como desvendam os espaços invisíveis e em devir é a pretensão deste trabalho.
- 5 Durante as conversas, Dona Lúcia nos perguntava: “*Atingi o que vocês querem?*”. Agora nós, após escrevermos uma incipiente reflexão, perguntamos: atingimos o que a senhora nos disse, Dona Lúcia? Será que conseguimos escrever/ler por cima de seus ombros, tal como nos propõe Clifford Geertz? “*Tô sendo assim meio crua para bater no ponto que será válido*”, ainda nos dizia. Será que conseguimos perceber o ponto que é válido? Fizemos uma interpretação densa? Talvez Lúcia, Oscar e Tito possam nos responder tais questões ou quem sabe algum leitor atento. Mesmo que não tenhamos chegado às tramas do ato de experimentar o mundo por meios não visuais – tramas de um “jogo profundo” –, valeu o ato de tornar visível algumas lascas das leituras invisíveis dos três personagens com os quais conversamos.

Estigmatização dos cegos

- 6 Discursos de saber, atrelados a formações e práticas discursivas, formatam e propagam certos repertórios de conduta, valorizam modelos específicos de pensamento, criam ideais, difundem metáforas e estabelecem jogos de linguagem (SAID, 2007; FOUCAULT, 1987). Pensando nisso, é possível afirmar que a concepção de deficiência visual consiste em uma invenção dos não-cegos que funciona como um discurso, uma instituição organizada. É em uma negociação, em um jogo de poder assimétrico, em suma, em uma prática discursiva – conjunto de regras que definem as condições da ação enunciativa –, que o mundo dos videntes se constrói e, concomitantemente, constrói a cegueira.
- 7 Os não-cegos engendram centenas de “verdades” sobre a alteridade, produzindo estereótipos de subjetividades fundamentais para invenções estigmatizadoras dos cegos – criações que deles se afastam, pois, para terem sentido, dependem mais de quem as

constrói do que de quem é inventado (SAID, 2007). É comum encontrarmos representações que associam à cegueira adjetivações negativas, como inferioridade, demonização e inutilidade. Constitui-se, a partir dessas representações, um imaginário social no qual os cegos são uma deturpação do adulto normal, o vidente, que tem sua identidade construída no inevitável encontro com o outro que não vê. Assim, o conceito de deficiência visual por muito tempo difundido consiste em um contraponto à normalidade, sendo uma retórica histórico-social pautada em representações ou metáforas daquilo que falta ou é disfuncional nos corpos de determinadas pessoas. Essas representações culturais operam “uma lógica sócio-cultural dominante, como uma meta-narrativa que se introduz nas vidas das pessoas com deficiência como um regime de verdade” (CORREIA, 2007, p. 25).

- 8 A hegemonia da perspectiva vidente é perceptível na configuração das interações. Nestas, quase sempre, ocorre o abafamento da diferença em prol do fortalecimento do padrão identitário estabelecido. No encontro, com o intuito de manter uma espécie de conforto geral na sociedade, são utilizadas basicamente duas maneiras de tratar os que desobedecem à ordenação habitual: a estratégia da assimilação, que planifica a diferença e abafa as distinções culturais, físicas e/ou linguísticas por meio do princípio da semelhança, e a da exclusão, que expulsa os estranhos do mundo ordeiro e os impede de estabelecer comunicações de maneira ativa (DOUGLAS, 1976; BAUMAN, 1998). Ignorar ou confrontar os cegos são, portanto, atitudes que conduzem para um mesmo ponto: o domínio da visão. Ignora-se, a fim de afastar o diferente do mundo padronizado; e confronta-se, a fim de torná-lo igual, incluindo-o no esquema hegemônico. Ou seja, um cego, para se inserir e ser aceito no mundo vidente, necessita aprender e apreender as categorias dos que veem, passando a ser quase um deles. Percebe-se, pois, uma supervalorização de um “eu normalizado e domesticado” em detrimento do “outro como diferença”.
- 9 É importante salientar que há também o medo na relação entre cegos e não-cegos. Segundo Bauman (1997), os estranhos “obscuram e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas” (p. 27), causando, aos olhos dos ‘comuns’, uma incerteza diante do mundo e um mal-estar gerado pela perda do referencial social e moral. A humanidade, de acordo com esse autor, nunca tolerou o contato com o estranho, que seria responsável pelo rompimento de barreiras e pelo questionamento de padrões, tornando explícito aquilo que frequentemente é escondido. Do anômalo emerge a confirmação de nossas classificações principais e a certeza de que a vida não se ajusta às categorias, o que para seres que necessitam de um mundo rigidamente ordenado pode ser desagradável (DOUGLAS, 1976).
- 10 Uma fala de Oscar exemplifica bem os pontos acima mencionados:

O ser humano resiste muito ao estranho. As pessoas têm muita dificuldade de se relacionar com os outros, com os cegos, com os surdos, com os mendigos. É um medo muito grande. Um despreparo. O ser humano é muito resistente a algo que (...) pode acontecer com ele mesmo. Sofremos um preconceito muito mesquinho e inútil. Outro dia, estava andando na rua e um cara trombou em mim. Minha bengala voou longe. Ele disse: “não sei por que cego sai de casa!” E eu disse: “não sei por que cavalo sai do curral!”.
- 11 Dona Lúcia também afirma:

Os que têm deficiência incomodam os outros. Todos são inseguros e não sabem lidar com aquilo. Assim, se sentem ameaçados e apelam para ou fingir que todo mundo é igual ou para deixar os deficientes no gueto deles.

- 12 Para amenizar os efeitos de visões estigmatizadoras que os encapsulam em um grupo indistinto de pessoas desacreditadas e deficientes (EUGENIO, 2003), os cegos, no meio urbano contemporâneo, desenvolvem estratégias de sobrevivência e convivência modeladas pelos padrões dominantes de comportamento, chegando mesmo a adotar estruturas de linguagem já pré-concebidas que para eles são esvaziadas de significado. Acreditam muitas vezes que, se forem capazes de absorver os conhecimentos e as condutas específicas do mundo vidente, participarão plenamente das relações sociais e, por conseguinte, poderão ser aceitos como adultos normais, autônomos e independentes. Fernanda Eugenio (2003) aponta para essa questão ao analisar *homepages* de pessoas cegas. Segundo ela, como há no mundo ocidental uma valorização exacerbada da cultura letrada, o computador tornou-se uma ferramenta fundamental para os cegos, pois, por meio dele, puderam se inserir mais efetivamente no espaço vidente da escrita e também se tornaram independentes dos “letores”⁴. Nas palavras dela:

Fechados em seu mundo de pontinhos em relevo sobre papel, os cegos não podem nem querer ignorar que este não é o padrão social que os encompassa. (...) Através de softwares de leitura de tela e de sintetização de voz, não mais se depende da visão para ler ou escrever na mesma linguagem dos videntes” (p. 58).

- 13 E ainda acrescenta:

O computador, como o braile, viabiliza a leitura e a escrita independentes, mas teria a vantagem adicional – e preciosa – de permitir que isto seja feito utilizando os mesmos recursos dos videntes e não ferramentas específicas para cegos. Poder usar o computador, afirma mais um deles, permitiria ‘a aproximação das pessoas com deficiência dos patamares de competitividade e produtividade exigidos pelas sociedades modernas’ (p. 58).

- 14 Nossos colaboradores enfatizaram várias vezes a importância do estímulo à independência, estipulando à família e à escola especializada o dever de preparar o deficiente visual para a labuta cotidiana em um mundo hostil a eles, criado por e para videntes. À independência, atrela-se a fala da igualdade, configurando, assim, um discurso que se coaduna com a ótica vidente da normalidade e da autonomia dos indivíduos. Muitos retalhos de conversas com o seu Tito vão ao encontro dessa ideia:

“A pessoa tem que ficar empenhada para ser igual a todos”; “Você tem que fazer o que os outros fazem”; “Tem que haver um sacrifício, uma disponibilidade, para a pessoa ser tratada como normal”; “A gente procurava ter uma vida bem próxima das pessoas normais”; “Eu trabalhava já, pagava as contas. Tinha uma parcela nas despesas. A pessoa tem que ser integrada. Se a pessoa não for independente, ela passa por exclusão”; “O deficiente quanto mais a locomoção é independente, ele anda por conta dele, não tem vínculo especialmente com a família, ele terá sucesso.

- 15 O que pulsa nesses trechos é o quanto a necessidade de inclusão é forçada, isto porque os cegos têm a obrigação de caminhar em direção ao mundo dos videntes, tido como puro e limpo se comparado ao mundo viscoso da falta de cores e imagens.
- 16 Apesar de interagirem em um espaço de poder assimétrico, no qual os videntes possuem uma força discursiva legitimada e institucionalizada, os cegos podem se destacar dos videntes e assim o fazem ao articular, com maestria, tato, olfato, paladar e audição, sendo capazes de sentir profundamente a cidade e adotar posturas específicas nela. Não precisam se adequar, portanto, às configurações de ação diferentes (e adversas) das suas, sendo capazes de criar seus próprios padrões.

O som é essencial na nossa vivência cotidiana. A bengala faz um barulho específico em cada lugar: sons de lugares ásperos, lisos, molhados; um som para o degrau, outro para o passeio. Texturas distintas, sons distintos... lugares outros. É

imprescindível ter uma noção básica do lugar, mas muitos detalhes ajudam. Cheiro de farmácia, sacolão, loja de tecidos. Prédio dá eco, loja não. Lugares a que vamos sempre, a gente identifica fácil, rapidinho. Caminhos rotineiros de ônibus? Conheço pelas viradas, trepidar do chão, descidas. Não sei se vocês entenderam essa coisa à qual chamo de sensação. A visão é mais fácil, então vocês se esquecem do resto (fala de Dona Lúcia).

As sensações, o olhar e o espaço

“O olhar é muito expressivo, muito significativo... e isso a gente não tem. (...) Eu não via nada, mas eu sentia. (...) A visão é mais fácil, então vocês se esquecem do resto”.
Dona Lúcia

- 17 De acordo com Merleau-Ponty, há uma distinção analítica entre ver e olhar. Ver é um ato de natureza passiva, que beira a ingenuidade e mantém uma relação discreta e reservada com o observado, seja ele pessoa ou coisa. A visão apresenta um mundo maciço, pleno, marcado por uma continuidade de sentido e de objeto, o que garante uma realidade pranchada e lisa, para a qual a incoerência e as lacunas são ignoradas e insuportáveis. As significações estão exteriormente estabelecidas em relação ao sujeito. É inexistente a inter-relação daquele que vê com o que é visto. Sérgio Cardoso (1988) aponta para o caráter deslizante do ver, em que o espectador forma imagens através do enquadramento da paisagem que desfila ligeiramente diante de seus olhos. A partir da intensa velocidade do processamento de informações e da vida cotidiana contemporânea, as imagens patinam em nossa mente, retirando, por isso, o prolongamento da duração, tão necessário à experiência da diferença com os objetos e as pessoas.
- 18 No ver a integridade e suficiência do mundo, bem como sua sólida e rija consistência, rejeitam o vidente para o domínio de uma total exterioridade com relação a si, fazem o visível dublar-se de um outro absolutamente separado (CARDOSO, 1988, p. 349).
- 19 A análise do ver está estreitamente ligada às considerações de Epicuro. Para este, o mundo é o princípio de visão por oferecer imagens ao corpo do homem, bastando que este, para conhecer, fique de olhos bem abertos e registre o turbilhão de simulacros jogados pelo cosmos. Em um contexto no qual o olho é por excelência o fundamento do processo de inteligência, os deficientes visuais seriam excluídos ou idiotizados. Mas o filósofo não se atém apenas à visão como veículo exclusivo de apreensão da realidade: “os sentidos são mensageiros do conhecimento”, porquanto é no encontro do corpo e da alma, da memória e do corpo, dos átomos e do corpo que o sensualismo se realiza e, em suma, “todos os nossos pensamentos têm a sua origem nas sensações” (EPICURO, *apud* NOVAES, 1988, p. 15).
- 20 A percepção da fragmentação, da descontinuidade, das fronteiras e das lacunas é uma característica do olhar, possuidor de natureza distinta daquela do ver. O sujeito que olha adota uma atitude ativa no espaço e no tempo, como um pintor que inverte a lógica da observação ao se sentir olhado e trespassado pela corporeidade dos objetos que ele tenta pintar. O ato de investigação e exploração não é solitário, pois há uma interação entre observador e observado, os quais, antes tidos como plenamente puros, tornam-se híbridos. O olhar refuta mundos lacrados e se propõe a mergulhar nas contradições da existência. Nesse sentido, é possível conceber um mundo constantemente redescoberto e vivenciado em um processo de estranhamento que provoca tensão no sujeito-objeto, em que o invisível é palpável e, principalmente, apropriável.

- 21 Pelo que explicitamos, é-nos permitido afirmar que a inexistência de visão não acarreta necessariamente a impossibilidade de olhar. Sendo assim, Dona Lúcia, Seu Tito e Oscar experienciam o espaço pelo olhar corporal e essa experiência os constitui enquanto um corpo-sujeito que dá sentido ao mundo. Este se move e reage mutuamente com os indivíduos. Assim como o olhar, a espacialidade se sustenta no movimento. Somos sujeitos pelo corpo que construímos no tempo e no espaço. Na medida em que a dimensão do próprio ser realiza-se no e pelo corpo, nele são efetivadas e inscritas as experiências e os projetos de vida de cada um (MAUSS, 2003; ELIAS, 1993). Podemos pensar, então, em modalidades particulares de ser-no-mundo, cujo corpo é o fundamento da inserção e o provedor das perspectivas pelas quais os posicionamentos no espaço e a manipulação de objetos adquirem sentido.
- 22 Le Breton evidencia de modo claro o que defendemos:
- matriz da identidade, o corpo é o filtro mediante o qual o homem se apropria da substância do mundo e a faz sua por meio dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros de sua comunidade. (...) A condição humana é corporal. O mundo só se dá na forma sensível. As percepções sensoriais arremessam fisicamente o homem ao mundo e, desse modo, ao seio de um mundo de significados; não o limita, o suscita (LE BRETON, apud CORREIA, 2007, p. 15-21; tradução livre).
- 23 Os colaboradores apresentaram-nos diversas formas de apreensão do mundo pelo olhar, as quais, por sua vez, ratificam certas posições defendidas pelos teóricos aqui abordados.
- 24 Dona Lúcia, sempre muito ativa e “pra frente”, disse-nos que desde a infância lidava com a interação espacial tranqüilamente: com a segurança que o pai estimulou, movimentava-se em Machado, sua cidade natal, praticamente igual às crianças não-cegas. Se estas utilizavam o olho como instrumento de localização e apreensão do espaço e da realidade, Lúcia lançava mão de sua percepção aguçada para desvendar o invisível. Explicitou-nos um modo de existência baseado na concretude, isto é, no toque e no som que emanam das corporeidades dos objetos. Ambos, objetos e ela, mantêm uma relação de reciprocidade:
- Aprendi o Braille desde sempre. Sentir com a mão. O furar na espuma contornando um desenho. A gente contornava um retângulo, uma estrela. Coloria depois com giz de cera.
- (...)
- Quando você pensa ela [imagem] na sua cabeça, você imagina você olhando... eu imagino tocando. Eu vou imaginar pegando, não vou imaginar olhando.
- (...)
- No interior, a gente tinha muita liberdade. Eu sabia andar de bicicleta. E não era devagar não! Era na rua. Meu pai me levava para lugares com poucos buracos. Pelo golpe de vento na esquina eu sabia onde virar. Brincava de casinha, boneca, corda, nadava. O que eu mais gostava era de andar de bicicleta: não existia nada melhor do que sentir o vento tocando o rosto.
- 25 Seu Tito, viajando por diversas cidades de Minas Gerais e Espírito Santo, escarafunchou os espaços. Sentiu as diferenças das calçadas de Valadares, Bom Despacho, Pará de Minas, Cachoeira do Itapemirim... Diferenças que passam despercebidas por nós - pessoas que veem mas que, na maioria das vezes, não se posicionam atentamente perante a realidade. A cada nova cidade, Tito mantinha uma postura corajosa e independente: ia para a rua e descobria o mundo. Segundo ele, os lugares podem ser reconhecidos pela distância, pela topografia, pelo olfato e pela ventilação. É importante ressaltar que a bengala é um instrumento, senão um prolongamento do corpo, imprescindível para ele. Ao relatar sobre sua profissão, representante de calçados, disse-nos:

Eu sou um homem de coragem. Não sei se qualquer um encararia o que eu encarei.
Um representante que viajava tanto, assim que nem eu, era difícil.

- 26 Mas não é apenas nas viagens que percebemos em Seu Tito um olhar que deseja abarcar o mundo, um olhar que deseja, acima de tudo, interagir com o invisível. Na vida familiar, ele também se imiscuía nos espaços e realizava tarefas que pessoas não-cegas, como o pai dele, tinham muitas dificuldades.

Eu não enxergava, mas mexia no moinho elétrico. Eu era o único que sabia ligar e desligar ele direitinho. Tinha um macete. No meio da noite, eu ia lá desligar ele. Meu pai acreditava em mim. (...) A gente quando tem o dom de Deus tanto faz. Mesmo com a visão baixa eu saía, fazia as coisas. Não tinha problema, não.

- 27 A expressão corporal de Oscar, ator de teatro, baseia-se na sua relação com os objetos, público e personagens dentro do palco. Sua relação com o mundo foi fortemente influenciada por essa experiência profissional: aprendeu a direcionar a sua expressão facial no diálogo interpessoal e a enfrentar sozinho os desafios em busca da autonomia. Nunca se importou com as concepções preconceituosas e negativas de outras pessoas. Sempre teve ímpeto de realizar as mais diversas atividades, como andar de perna de pau e praticar malabares. Em ambas é preciso ter uma boa percepção do espaço em que se movimenta e do deslocamento dos sujeitos-objetos, além de um profundo conhecimento do próprio corpo.

- 28 De acordo com Oscar e alguns colegas seus, no Teatro Universitário, em uma das atividades de treinamento da percepção corporal, faz-se uma roda com diversos integrantes os quais trocam bastões entre si rapidamente, com o objetivo de não os deixar cair. Quando perguntado sobre seu admirável desempenho, ele justifica que o código sonoro “ooh”, emitido assim que alguém arremessa o bastão, serve de sinal de alerta. O interessante é que o “ooh” é utilizado por todos os jogadores, mas apenas Oscar, que não vê, nunca perde um bastão. Como seus ouvidos e sua percepção dos “golpes de vento” são bastante aguçados, olha as descontinuidades do jogo de maneira mais atenta: percebe as diferenças de velocidade e a direção dos objetos que são jogados; se for necessário, ele afasta o corpo para pegá-los.

- 29 Oscar tem consciência de que seu corpo é um *locus* de apreensão das experiências e, por estar inserido na sociedade, precisa interagir e não se esquivar das relações externas ao Instituto São Rafael?

- 30 Para ele, a postura corporal é um importante sinal dos vários posicionamentos que podem ser tomados no mundo social, além de refletir a auto-percepção dos cegos:

Será mesmo que a pupila do cego é seu corpo inteiro? A maioria dos cegos são debilitados, têm dificuldades para andar... uma insegurança.... Vocês tiveram a sorte de encontrar cegos bem resolvidos,... muitas vezes a pupila do cego não é seu corpo inteiro. Para mim isso pode funcionar, eu uso meu corpo inteiro mesmo, preocupo com minha postura. Tem cego que anda na rua de cabeça baixa. Isso reflete, com certeza, a auto-estima, a convivência, a estrutura e a maneira de se auto-perceber, a maneira de se perceber no espaço. No restaurante você se comporta de um jeito, em casa de outro, no ônibus de outro... o movimento corporal representa muita coisa e às vezes o cego não está atento para isso.

- 31 Questiona a afirmação genérica segundo a qual todos os indivíduos cegos captam as experiências do mundo corporalmente e ainda diz: “Eu conheço cegos que não se desenvolveram”. E não ter uma postura corporal ativa, isto é, não desenvolver o olhar, é um problema para a vivência cotidiana dos cegos, porque sem o treinamento das sensações é impossível apreender os espaços.

- 32 A interação espaço-corpo é também tema de Evgen Bavcar, filósofo e fotógrafo esloveno cego. Ele afirma que seu verdadeiro desafio é, através da fotografia, conjugar as realidades visível e invisível, apreendendo o que lhe é obscuro. A arte da fotografia de Bavcar é uma subversão de um método hegemônico que retira as imagens do “real” sem perscrutá-las, um método fotográfico passivo: uma coleção de imagens não lamacenta, isto é, esteticamente agradável, não baseada nas sensibilidades concretas da realidade. Para o fotógrafo, imagens são representações do inatingível, o seu prazer em senti-las advém de “roubar e fixar em um filme algo que não lhe pertence; secretamente, descobre que possuiria algo que nunca poderia ver”⁸ (tradução livre). Após tocar manualmente os objetos, ele segura a câmera com a boca e os enlaça, compondo uma imagem em que sua fala se relaciona com os objetos e o espectador. Através do tato, Evgen Bavcar põe em comunicação as corporeidades do mundo e do corpo-objeto-sujeito; “a mão que amassa” (expressão de Bachelard) decompõe o invisível e o torna visível ao filósofo esloveno e aos não-cegos.
- 33 Baseados na experiência de campo e nas teorias expostas anteriormente, colocamos em questão algumas concepções de Oliver Sacks contidas no texto *Ver e não ver*, do livro *Um antropólogo em Marte* (1995). Em sua releitura de Von Senden, o autor afirma que os deficientes visuais não conseguem abstrair uma noção de espaço, porque não são capazes de vivenciar imagens simultâneas e instantâneas. Tempo e memória, para ele, são fortes referenciais na construção de mundo dos cegos, um mundo que não possui a *idéia* de espaço por não existir a formação de imagens visuais. O espaço dos cegos, por ser inconstante e volátil, dado na temporalidade do olhar, é um espaço não valorizado por Sacks⁹.
- 34 Os relatos de Dona Lúcia apontam para a impossibilidade de formação de imagens orgânicas, fechadas; o que percebe são pedaços do corpo, trechos que muitas vezes não se ligam. Porém, ela consegue abstrair conceitos e formas gerais de algumas coisas, principalmente se forem pequenas, como, por exemplo, um copo. Não rechaçamos as conclusões de Sacks, todavia, pensamos ser importante valorizar as outras sensações para a construção do espaço, que, a nosso ver, não é hermética, lisa e sem lacunas como uma fotografia. Não podemos resumi-las a impressões incapazes de constituir um todo espacial. Ao lermos o mundo com Oscar, Dona Lúcia e Seu Tito, percebemos o olfato, o tato, o paladar e a audição como fundamentais para a apreensão e captação do espaço por outras formas que não a visual, por formas que estão intimamente ligadas à noção de *olhar*.

Sites

www.zonezero.com/exposicoes/fotografos/bavcar, acessado em 11 de abril de 2009.

www.almg.gov.br/not/bancodenoticias/Not_666592.asp, acessado em 27 de outubro de 2009.

BIBLIOGRAPHY

NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- CARDOSO, Sérgio. "O olhar viajante, do etnólogo". In: ADAUTO, Novaes. (Org.). *O Olhar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p. 347-360.
- CORREIA, L. G. "A pupila dos cegos é seu corpo inteiro": compreendendo as sensibilidades de indivíduos cegos através das suas tessituras narrativas. Tese de doutorado. UFRGS, 2007.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- EUGENIO, Fernanda. Não ver sem ser visto. Uma reflexão sobre páginas pessoais de cegos na internet. *Alceu (PUCRJ)*, v. 4, p. 55-67, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1987.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 10. ed. Petropolis: Vozes, 1993.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- KELLER, Helen. *The story of my life*. New York: Doubleday, c1954.
- MACHADO FILHO, Aires Mata. *O caso de Helena Keller*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- MAUSS, Marcel. "As técnicas do corpo". In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. Rio de Janeiro: 1969.
- _____. *O visível e o invisível*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- SACKS, Oliver W. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia do Bolso, 2007.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NOTES

1. O trabalho de campo foi realizado na cidade de Belo Horizonte, entre os meses de agosto e novembro de 2008.
2. Nasceu em 1983. Reside em Vespasiano, mas trabalha e estuda em Belo Horizonte. É um jovem ator que estudou no Instituto São Rafael dos 11 aos 17 anos, onde se formou no ensino fundamental e teve sua iniciação ao teatro. Desde sempre a cegueira lhe foi inevitável: capricho da genética. Todos na família têm problemas de visão e, com um ano e dois meses, ele já usava óculos. Foi justamente o alto grau de miopia que provocou o descolamento de retina. Passou por três cirurgias sem sucesso. Ficou cego do olho esquerdo aos 5 anos e do direito aos 9. Sua mãe, segundo ele, deu-lhe a estrutura familiar necessária para que se sentisse capaz de enfrentar os desafios, sentir-se feliz e levar uma vida comum. Formou-se no ano passado no Teatro Universitário, projeto da UFMG, onde estudou à noite e nos fins de semana. Durante o dia trabalha na TIM, no setor de controle de qualidade, e no Sesi em Cena com teatro empresarial.
3. Nasceu em Machado, sul de Minas, em 1948. Seus pais tiveram cinco filhos, três dos quais eram cegos de nascença. Mudou-se para São Paulo ainda criança com o objetivo de continuar os estudos primários. Nesta cidade estudou em um internato especializado no trabalho com alunos cegos e parcialmente cegos. Começou o antigo 2º grau e aprendeu inglês em Brasília, onde

frequentou uma escola Salesiana. Veio para Belo Horizonte, cidade em que seus pais moravam, com 16 anos e terminou o segundo grau em uma escola não especializada. Tornou-se funcionária pública concursada do Instituto São Rafael. Dona Lúcia foi professora de todas as matérias para alunos de 1ª a 4ª séries durante 25 anos e também dava aulas particulares de inglês e português para crianças não-cegas. Hoje ela é aposentada.

4. Ledores são indivíduos que leem para os cegos.

5. Filho de fazendeiro e de dona de casa nasceu em Pedro Leopoldo, em 1944. Foi o único dos 8 filhos a nascer com certa deficiência visual. Quando criança, enxergava parcialmente, porém, aos 19 anos, por ter glaucoma, perdeu completamente a visão. Tendo o apoio do pai e da tia, Marta, conseguiu ultrapassar o que poderíamos chamar de período dolorido da perda da visão. Após essa fase, foi para Belo Horizonte e terminou a 6ª e 7ª séries no Instituto São Rafael. Fez curso de massagista e, com 27 anos, começou a trabalhar no Hospital São Paulo e em uma sauna. Aos 36 anos, Tito iniciou a carreira de representante em uma empresa de calçados – emprego no qual já está há 25 anos.

6. Ver também Correia (2007).

7. A Escola Estadual São Rafael (Instituto São Rafael) foi fundada em 1926 com o objetivo de educar, reabilitar e integrar o deficiente visual. O grupo de alunos é constituído, essencialmente, por portadores de deficiência visual sem limite de idade, que são atendidos sob os regimes de internato, semi-internato e externato. A escola oferece Ensino Fundamental e Médio, itinerante (atendimento ao portador de deficiência visual que estuda em escola regular), orientação, mobilidade e oficinas pedagógicas. A equipe de apoio, constituída de psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, supervisores pedagógicos e odontólogos, oferece suporte ao atendimento integral do educando. Além deste corpo técnico, a escola conta com o apoio de um grupo de voluntários, que desempenha as funções de leitores e gravadores de livros literários e digitadores, entre outras. (FONTE: www.almg.gov.br/not/bancodenoticias/Not_666592.asp; Acesso em 27/10/2009)

8. www.zonezero.com/exposiciones/fotografos/bavcar

9. Correia (2007) também questiona as concepções de Sacks, chegando a conclusões semelhantes às nossas. A leitura da tese de doutorado de Correia foi fundamental para apreciarmos analiticamente algumas das experiências vividas no campo.

AUTHORS

CARLOS GOMES DE CASTRO

Graduando do 8º período de Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais.

LAÍS JABACE MAIA

Graduanda do 8º período de Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais.